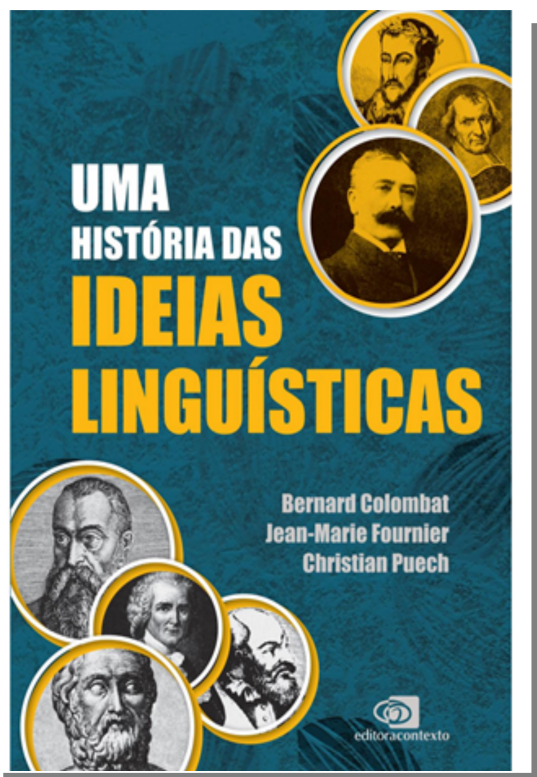


UM PERCURSO DIDÁTICO PELA HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS



Jorge Viana de MORAES¹
(USP – Universidade de São Paulo)

O papel do historiador das Ciências da Linguagem é, então, o de criar condições de uma reflexão informada sobre a epistemologia das ciências da linguagem, pela produção de informações confiáveis sobre as teorias antigas, o conhecimento que elas produziram, os conceitos que elas elaboraram; a forma sob a qual os problemas foram colocados e conhecidos; ou, ainda, alargando um pouco a problemática, sobre as questões mais gerais e mais fundamentais. COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017, p. 18)

1. PREENCHENDO UMA LACUNA HISTORIOGRÁFICA

¹ Doutor e Pós-Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) – no campo da História das Ideias Linguísticas/Historiografia Linguística –, onde atua como pesquisador no referido campo e no das Ciências da Linguagem (Área de Filologia e Língua Portuguesa) e como professor em disciplinas de graduação e pós-graduação. O autor é Editor Associado dos *Cadernos de Linguística* (ABRALIN), para textos voltados exclusivamente para a Área de História das Ideias Linguísticas/Historiografia Linguística.

O campo da História das Ideias Linguísticas (ou Historiografia Linguística), ou, em designação mais abrangente, os Estudos Históricos no âmbito das Ciências da Linguagem, consolidou-se nas últimas décadas como disciplina fundamental para compreendermos não apenas o *que* sabemos sobre a linguagem, mas *como* chegamos a esse saber.

No entanto, o mercado editorial brasileiro, embora rico em obras especializadas e teses acadêmicas sobre o tema, carecia de manuais introdutórios que aliassem rigor acadêmico a uma didática acessível para estudantes de graduação e de pós-graduação.

É exatamente nesse cenário que se insere ***Uma história das ideias linguísticas***, obra de Bernard Colombat, Jean-Marie Fournier e Christian Puech. Traduzida do original francês (*Histoire des idées sur le langage et les langues*, Paris, Klincksieck, 2010) pela Professora Doutora Jacqueline Léon, Diretora Emérita de Pesquisas no *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), na França, e pela linguista brasileira, Professora Doutora Marli Quadros Leite, Titular da Universidade de São Paulo (USP) e docente do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, especialista em história das ideias linguísticas, a edição em português resulta de uma longa colaboração franco-brasileira. Colombat é professor e pesquisador francês (Emérito) na Université Paris Cité (anteriormente denominada Paris 7 - Denis Diderot) e no *Laboratoire d'Histoire des Théories Linguistiques* (UMR 7597, CNRS), reconhecido por seus estudos sobre a tradição gramatical latina e pela coordenação de projetos fundamentais como o *Corpus de textes linguistiques fondamentaux* (CTLF); Puech é professor da Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3, membro do mesmo laboratório, com extensa produção em história e epistemologia das teorias linguísticas dos séculos XIX e XX; Fournier, por sua vez, tam

bém professor da Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3, atua na interface entre linguística aplicada e história das teorias gramaticais, com destaque para seus trabalhos sobre o tempo verbal em francês. Os três autores estiveram, desde o início, ligados ao projeto de fundação dessa área, em particular àquele liderado por Sylvain Auroux, a quem dedicam a obra em reconhecimento à sua orientação geral e conceitual e ao papel decisivo que desempenhou na consolidação da disciplina, lembrando que “grande parte de sua essência foi tirada de obras coletivas conduzidas na UMR 7597 ‘Histoire des théories linguistiques’, que vêm sendo escritas há mais de trinta anos” (Dedicatória, p. [13]).

Embora a História das Ideias Linguísticas tenha se difundido amplamente, inclusive no Brasil, ainda faltavam livros voltados a estudantes e interessados que reunissem, de modo prático, um resumo das mais importantes questões tratadas por especialistas da área. Esta obra se propõe a preencher essa lacuna. Na “apresentação à edição brasileira”, Marli Quadros Leite afirma justamente isso: “a tradução do livro tornou-se imprescindível por várias razões, dentre as quais é possível destacar duas: primeiro, o fato de alguns conceitos relativos à teoria da história das ideias linguísticas terem-se disseminado no Brasil e despertado interesse e, por que não dizer, curiosidade científica; segundo, porque pesquisadores e estudantes já conhecedores de pontos da teoria anunciam sentirem falta de um ‘instrumento’ uno e coeso que reunisse as ideias fundamentais com as quais todo historiador deve ter contato” (p. 11).

Publicada no Brasil pela Editora Contexto, ela propõe uma reflexão informada pautada na noção de *longa duração do tempo*, permitindo ao leitor compreender a continuidade histórica e as transformações seculares que constituem o pensamento linguístico. Organizada cronologicamente, a obra é construída em torno de **50 questões**. Seu eixo norteador é apresentado pelos

autores já nas páginas iniciais do volume. Segundo Colombat, Fournier e Puech (2017, p. 18) “o papel do historiador das Ciências da Linguagem é, então, o de criar condições de uma reflexão informada sobre a epistemologia das ciências da linguagem, pela produção de informações confiáveis” sobre:

- as teorias antigas, o conhecimento que elas produziram, os conceitos que elas elaboraram;
- a forma sob a qual os problemas foram colocados e conhecidos;
- ou, ainda, alargando um pouco a problemática sobre as questões mais gerais e mais fundamentais. Como os gramáticos e os linguistas concebem seu objeto em tal ou tal momento? Como foram apreendidos e concebidos (questão 12 da obra). Ou, ainda, como foram distinguidos o possível e o impossível de língua, o que se pode ou não pode dizer e por quê e como foram definidas as condições de validação das descrições?

A partir dessas diretrizes, os autores voltam-se, ao longo da obra e mediante às 50 questões, tanto ao estudo da constituição histórica dos saberes linguísticos, depositados em instrumentos, tais como gramáticas, dicionários e manuais, quanto à análise do discurso que compõe esses materiais, por meio dos quais analisam-se as características de saberes da língua e da linguagem, seu esquecimento e sua acumulação, cuja dinâmica e dialética criam “igualmente as condições de uma reflexão de fundo sobre esse modo de ser particular dos conhecimentos nas ciências da linguagem, a saber, que elas podem ser objeto, contraditoriamente, dos esquecimento ou da acumulação” (p. 17).

Ao final da obra – quando comentam as características da gramática enquanto disciplina “caracterizada, ao mesmo tempo, pela anciandade de sua origem e por sua orientação didática, presente no longo termo dos fenômenos de estabilidade de reprodução marcantes” –, os autores retomam esse ponto

sob uma perspectiva explicitamente epistemológica, insistindo que a longa duração não deve ser lida apenas como inércia ou “obstáculo epistemológico” no sentido bachelardiano, mas também como condição de cumulatividade dos saberes linguísticos: “Essa força de inércia foi interpretada por certos historiadores como um fator de ‘obstáculos epistemológicos’ (...). É às vezes o caso. Mas ela corresponde também a outra característica epistemológica dos saberes linguísticos: sua cumulatividade em longa duração do tempo. Certas noções (como as *partes do discurso*, por exemplo) são inscritas no equipamento conceitual do gramático e do linguista há muitos séculos” (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017, p. 268). Essa abordagem nos permite compreender melhor por que essas categorias atravessam séculos e continuam estruturando o repertório conceitual de gramáticos e linguistas.

Cara ao campo, e por isso bastante valorizada pelos autores, a questão da acumulação é um problema central na história das ciências e, em especial, nas ciências da linguagem, por isso tratada de modo central na obra. Conforme os autores apresentam, “certas disciplinas podem, por exemplo, ocorrer historicamente como pouco acumulativas, ou, mais exatamente, não provirem de um processo de acumulação que se engaja na longa duração do tempo” (p. 17-18). No caso das ciências da linguagem, contudo, o papel do historiador é justamente o de produzir informações sobre o sistema científico constituído pela disciplina e, assim, alargar, para os linguistas, o seu “horizonte de retrospecto”, dando acesso à memória dos resultados, dos problemas e dos conceitos desenvolvidos antes deles, de modo a criar as condições para que a história desse saber seja efetivamente cumulativa e não cíclica.

2. *ESTRUTURA E METODOLOGIA: O FORMATO DAS “50 QUESTÕES”*

A grande inovação da obra reside em sua estrutura. Fugindo da narrativa linear densa e contínua, comum em compêndios históricos, os autores optam por organizar o conteúdo em torno de **50 questões fundamentais**. Essa escolha editorial, derivada da coleção original francesa « *50 questions* », transforma a leitura em uma experiência modular e dinâmica. O dispositivo pergunta/resposta, típico da coleção em que o volume original em francês foi publicado, permite tanto uma leitura sistemática, seguindo a ordem das questões, quanto uma leitura mais “aleatória”, orientada por interesses pontuais do leitor. As cinquenta questões, distribuídas em seis percursos temáticos, funcionam, assim, não apenas como organização expositiva, mas como um verdadeiro ensaio de epistemologia da história, em que cada pergunta corresponde a um problema histórico-epistemológico a ser elucidado.

As 50 questões estão subdivididas em seis partes, a saber: “I. As questões da retrospectiva”; “II. A dimensão antropológica dos saberes sobre a língua e a linguagem”; “III. Nascimento das problemáticas”; “IV. A descrição das línguas do mundo”; “V. Generalidade/Diversidade/Historicidade”; “VI. A constituição da *Linguística* como disciplina”; e a “Conclusão. Como apêndice, há uma lista denominada “Pontos sobre a cronologia” que traz um panorama abrangente de datas, nomes de autores e de obras, assim como de alguns eventos linguísticos importantes. Além dessa lista cronológica, o volume inclui uma bibliografia acompanhada de referências de periódicos, editoras, coleções e sites especializados na área, bem como um índice seletivo de noções e termos. Esses recursos finais reforçam o caráter de instrumento de trabalho do livro, facilitando sua utilização tanto em cursos introdutórios quanto em pesquisas mais aprofundadas.

O livro não se limita a datas e nomes; ele foca em **problemas epistemológicos**. A divisão cronológica respeita os grandes marcos da história ocidental, permitindo ao leitor visualizar a evolução do pensamento (as ideias) sobre a linguagem e as línguas:

- **Antiguidade e Idade Média:** das discussões filosóficas gregas sobre a natureza do signo (o debate *physis vs. nomos* no *Crátilo* de Platão) até a gramática especulativa dos modistas medievais.
- **Renascimento e Século XVII:** a emergência das gramáticas vernáculas (o processo de gramatização), o confronto com as línguas do “Novo Mundo” e a lógica de Port-Royal.
- **Século XIX:** o nascimento da Linguística Histórico-Comparativa (com Bopp, Grimm e Humboldt) e a obsessão pela classificação genealógica das línguas.
- **Século XX e Contemporaneidade:** a virada estruturalista de Ferdinand de Saussure, o Círculo de Praga, o Gerativismo de Chomsky e as correntes enunciativas e discursivas.

A partir desse esqueleto cronológico, os autores destacam, de maneira transversal, certos eixos teóricos. Um deles é a dimensão antropológica e técnica dos saberes sobre as línguas e a linguagem, desenvolvida sobretudo nas questões 8 a 13, em que se discute a emergência histórica dos conhecimentos metalinguísticos. Inspirando-se, entre outros, na “hipótese tecnológica” de Aurox (questão 10), os autores defendem o caráter técnico, e não meramente especulativo, desses saberes: gramáticas e dicionários são concebidos como tecnologias de gramatização que, ao fixar descrições e normas, transformam a ecologia das práticas linguísticas e permitem a constituição de tradições de saber estabilizadas e transmissíveis. Outro eixo importante é a atenção à longa

duração de certos “objetos discursivos”, em particular exemplos e regras, que, uma vez retomados, transmitem a memória da doutrina gramatical e funcionam como veículos privilegiados de continuidade conceitual.

Ainda que se debrucem majoritariamente sobre a história das ideias linguísticas no ocidente, os autores não deixam de abordar (embora em menor número e em menor abrangência) outras tradições, menos conhecidas por nós, ocidentais, tais como a tradição chinesa, a língua tâmil, o árabe e o hebraico, o que de fato é um diferencial da obra.

3. ANÁLISE DE CONTEÚDO: DA ESPECULAÇÃO À CIÊNCIA

O percurso traçado pelos autores demonstra como a reflexão sobre a linguagem deixou de ser um apêndice da Filosofia ou da Lógica para se tornar uma ciência autônoma. Um dos pontos altos da obra é a abordagem dada à transição para a linguística moderna e à constituição do campo como disciplina autônoma. Desde as questões iniciais, em particular a questão 7, o livro assume uma posição clara: a história que interessa às ciências da linguagem “tem muito mais a ver com a epistemologia do que como a historiografia pura e simples” (p. 39). Não se trata apenas de acumular informações sobre o passado, mas de reconstruir séries de problemas, identificar cadeias de causalidade e descrever os mecanismos de transmissão, circulação e recepção dos saberes linguísticos, sempre atento aos efeitos seletivos da memória que moldam o “horizonte de retrospectão” dos linguistas.

Ao tratarem do *Curso de Linguística Geral* de Saussure (questão 6), os autores conseguem sintetizar complexos conceitos dicotômicos (significado/significante, língua/fala, sincronia/diacronia) de maneira clara, sem simplificações excessivas. Mais importante, contudo, é a maneira como analisam a

própria recepção do *Curso*, recusando tanto as histórias teleológicas da linguística dos anos 1960 quanto certo neo-saussurismo presentista. À luz de trabalhos anteriores, distinguem-se, aí, diferentes “prismas de recepção”, que vão da publicação de 1916 à fase filológica inaugurada por Godel, Engler e De Mauro, mostrando que o estatuto de “texto fundador” é sempre construído retrospectivamente ao longo da tradição, e não dado de antemão.

Na mesma linha, a questão 5 explora a recepção da *Gramática geral e razoada de Port-Royal* como outro caso paradigmático de “texto fundador”. Ao seguir a leitura que dela fazem os *Idéologues*, a crítica ao chamado “cartesianismo linguístico” em Brunot e, mais tarde, a reapropriação chomskiana de um suposto cartesianismo homogêneo, os autores evidenciam que a história é frequentemente utilizada como estratégia de autolegitimação teórica. Em ambos os casos – Port-Royal e Saussure –, o livro mostra como o tempo funciona como um arranjo estratégico da memória, que investe certos textos com uma função fundadora na construção do patrimônio disciplinar.

Além disso, a obra não ignora as “margens” da história oficial. Há espaço para discussões sobre a origem da linguagem (questões 13 e 43), a criação de sistemas de escrita (questão 11) e a relação entre linguagem e sociedade (questão 48), temas que muitas vezes ficam de fora de manuais focados estritamente na gramática ou no estruturalismo.

No terceiro núcleo de questões (14-25), dedicado ao “Nascimento das problemáticas”, a atenção recai sobre a tradição greco-latina: a autonomização progressiva da gramática, a formalização das partes do discurso e a delicada tarefa de nomear categorias ainda em formação. É nesse contexto que surge a noção de “texto pilar” (questões 4 e 21), aplicada a quatro obras maiores — a *Tekhne* de Dionísio Trácio, a *Sintaxe* de Apolônio Díscolo, a *Ars grammatica* de

Donato e as *Institutiones grammaticae* de Prisciano. Esses textos não são concebidos como peças definitivas, mas como obras que se modificam por acréscimo ao longo de sua transmissão, servindo de suporte à sedimentação de categorias como as partes do discurso.

Ainda nesse núcleo, ganha destaque a permanência, na longa duração, de dois “objetos discursivos” centrais: exemplos e regras. Na medida em que são retomados e reformulados, certos corpora de exemplos acabam por veicular a memória da doutrina gramatical, ao mesmo tempo em que, quando passam a ser tratados por outros modelos teóricos, evidenciam rupturas na tradição. Já a evolução da noção de “regra” mostra que a busca por generalidade e economia na descrição das línguas se faz sempre por meio de conteúdos historicamente variados, o que torna visível o problema da generalidade no interior da própria prática gramatical.

O quarto percurso (questões 26-32), dedicado à “Descrição das línguas do mundo”, retoma a questão do processo de gramatização dos vernáculos a partir da Renascença, com base em uma ampla variedade de material empírico. A gramatização das línguas europeias, por exemplo, faz-se muitas vezes por transferência de conceitos e métodos elaborados na tradição greco-latina, especialmente a partir da gramática de Donato e de suas traduções. Ao ser transformada de instrumento filológico, destinado à leitura de textos, em instrumento pedagógico, voltado ao ensino do latim como língua estrangeira, essa gramática torna-se modelo para a descrição das línguas vernáculas, processo em que o francês assume, com frequência, o papel de metalinguagem. Os autores mostram que a gênese da terminologia linguística nesse contexto está longe de ser sempre o produto racional de uma reflexão teórica: ela pode resul

tar de incompreensões, extensões indevidas e “*gauchissements*” progressivos, como nos casos, discutidos no livro, da categoria de optativo ou da voz verbal.

Nas questões 33-43, que tratam de “Generalidade / Diversidade / Historicidade”, o livro examina de forma mais minuciosa as formas que a generalidade linguística assume na longa duração. O projeto de gramática geral dos “Senhores de Port-Royal” – retomado, em particular, nas questões 34 e 36 – ilustra como a generalidade, longe de ser homogênea, se distribui de modos distintos: na teoria da proposição, que abandona a perspectiva estritamente morfológica, aproxima-se de uma análise funcional das relações sintáticas e pavimenta o caminho para a formalização da noção de complemento; na teoria da determinação, formula-se uma espécie de “sintaxe semântica”, articulando referência, artigo e nome. O livro reconstitui, de forma sintética, alguns momentos decisivos dessa trajetória (Buffier, Girard, Dumarsais, Beauzée) e mostra como a gramática geral se torna matriz da doutrina gramatical ensinada na escola, sobretudo entre o século XVIII e o início do XX.

Em vários momentos, e de modo mais programático na conclusão, os autores insistem na especificidade do objeto da historiografia linguística: “a descrição das línguas é também uma fábrica de línguas. As línguas não são os objetos do mundo, mas sim as representações construídas por aqueles que as descrevem” (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017, p. 270). Esse ponto desloca a leitura de uma simples “história de teorias sobre objetos dados” para uma história das próprias condições de constituição dos objetos linguísticos, o que reforça o caráter epistemológico do percurso traçado.

4. A TRADUÇÃO E A RELEVÂNCIA PARA O PÚBLICO BRASILEIRO

A tradução de Jacqueline Léon e Marli Quadros Leite merece destaque. Traduzir terminologia linguística, ainda mais de cunho histórico e historiográfico, exige um conhecimento profundo e seguro não apenas da língua de partida, como também da língua de chegada e, neste caso, quer da tradição linguística e gramatical francesa quer da luso-brasileira. Além, é claro, do próprio conhecimento metalinguístico. O trabalho com a tradução, tanto de títulos quanto de trechos de obras do francês antigo, seguiu o seguinte procedimento: as tradutoras mantiveram em francês títulos das obras francesas e traduziram os que não sendo franceses na origem, foram para o francês traduzidos, tendo sido conveniente, segundo as tradutoras, a manutenção do “texto original para que o leitor mais curioso pudesse ter contato com o estilo de linguagem do francês antigo” (p. 12). As tradutoras conseguiram verter os conceitos franceses mantendo a precisão teórica necessária para o leitor brasileiro, optando por um português padrão contemporâneo, claro e direto, em consonância com o estilo fluente do original francês.

Na apresentação à edição brasileira, Marli Quadros Leite enfatiza que essa tradução é fruto de uma colaboração de longa duração entre pesquisadores franceses e brasileiros, especialmente no âmbito do *Laboratoire d’Histoire des Théories Linguistiques* (UMR 7597, CNRS/Université Paris 7) e de projetos financiados por agências como Capes, Cofecub e Idex Brésil Sorbonne Paris Cité. Esse histórico de cooperação, articulado a iniciativas de pesquisa no Brasil, como o grupo “Gramática: História, Descrição e Discurso” (CNPq), ajuda a explicar por que o livro responde a uma demanda concreta de formação: oferecer um “instrumento uno e coeso” (p. 11) para estudantes e pesquisadores interessados em história das ideias linguísticas.

Assim, a edição em português não apenas torna acessível um repertório teórico consolidado na tradição francesa de historiografia linguística, mas se integra a um movimento mais amplo de institucionalização da área no Brasil, servindo tanto como introdução para novos leitores quanto como referência de consulta para pesquisadores em atividade. Ao mesmo tempo, o percurso proposto pela obra torna visível, pela própria *démarche*, que não há ruptura de continuidade entre a linguística como disciplina e a história dessa disciplina: ambas se alimentam mutuamente, e a incorporação da dimensão histórica passa a ser parte integrante da formação do linguista.

5. *PONTOS DE DESTAQUES:*

O livro funciona tanto como um curso introdutório para calouros de Letras e Linguística quanto como um guia de consulta rápida (*vade mecum*) para professores e pesquisadores que necessitam contextualizar teorias em sala de aula.

Nas questões finais (49 e 50), os autores formulam ainda uma ética própria do historiador das ideias linguísticas e do linguista de ofício, insistindo na necessidade de evitar anacronismos, presentismos e narrativas de “precursores”, bem como de buscar instrumentos conceituais suficientemente gerais para serem transpostos a outras línguas e contextos, sem apagar as diferenças históricas.

6. *AVALIAÇÃO CRÍTICA*

Uma História das ideias linguísticas é uma obra de síntese exemplar. Ao condensar séculos de reflexão em 50 tópicos essenciais, Colombat, Fournier e Puech oferecem um mapa seguro para quem deseja navegar pelo vasto oceano das teorias da linguagem e das línguas. Assim, para o estudante brasi

leiro, o livro é uma porta de entrada convidativa; para o especialista, um lembrete elegante de que a linguística é uma ciência feita de história, rupturas e continuidades.

Mais do que o nome que designa um certo campo de pesquisa, talvez seja mais importante conhecer as práticas que regulam o seu funcionamento: os modelos de exame, o tipo de exploração, sondagem, levantamento e análise. Em suma, o *métier* que configura a identidade e a prática do historiador das ideias linguísticas. Nesse sentido, é que a obra explicita a já referida ética própria desse historiador: “O historiador dos saberes linguísticos é, então, necessariamente relativista. Sem o que precisamente ele não é historiador e ignora a *historicidade* dos fenômenos dos quais ele propõe a descrição”. Provocativamente, questionam os autores: “O menor dos riscos que ele corre não é aquele do anacronismo e do presentismo, que reduz o estudo histórico à pesquisa dos ‘precursores?’” (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017, p. 267-268).

Se levado a sério, esse princípio tem consequências diretas para o tratamento dos conceitos: “um conceito, para o historiador das ideias linguísticas, não corresponde necessariamente a um conteúdo ideal idêntico qual que seja o período observado, mas se apresenta”, como os autores fazem elucidativamente bem observar, “em primeiro lugar, por um certo número de manifestações discursivas”, isto é, “um conjunto de definições (mais ou menos estabilizadas, submetidas a um trabalho de reescritura), uma rede terminológica mais ou menos estendida, [e] um conjunto de exemplos e de regras”. (idem, p. 268). Essa tomada de posição, que não é apenas metodológica, mas sobretudo epistemológica, é particularmente relevante para o leitor brasileiro, ainda habituado a histórias de “precursores” de teorias contemporâneas. Este é o dife-

rencial que esta obra oferece aos interessados na área, tal como ela vem sendo construída por pesquisadores franceses e brasileiros nas últimas décadas.

Não por acaso, para os autores, “a inscrição dos saberes linguísticos na longa duração do tempo faz com que as continuidades pareçam mais essenciais que as rupturas” (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017, p. 269), perspectiva que o livro torna acessível ao público brasileiro, tanto em termos teóricos quanto didáticos. Ao discutir, nas questões 44-48, as diferentes formas de generalidade em jogo na “linguística geral” do século XX – ora como generalidade de princípios, tendo o edifício saussuriano por arquétipo, ora como generalização a partir de resultados particulares, ora como redistribuição de problemas entre disciplinas distintas –, os autores mostram que a própria expressão “ciências da linguagem”, no plural, assume o caráter de um nome para uma unidade problemática. A promoção do ponto de vista, na epistemologia saussuriana, é mobilizada para sustentar a ideia de que a generalidade não é um dado imediato, mas uma construção situada, o que se aplica tanto à definição do objeto linguístico quanto à própria escrita de sua história.

REFERÊNCIAS

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. **Uma História das ideias linguísticas**. Tradução de Jacqueline Léon e Marli Quadros Leite. São Paulo: Editora Contexto, 2017. 304 p.